

Histórias e narrativas de velhos analfabetos no interior do Brasil

Prof^ª.Ms. Helenice Pereira Sardenberg

Mestre em Memória Social e Documento - UNIRIO

Faculdades Integradas Maria Thereza – Niterói – RJ

Segundo Leonardo Boff (1999), o nosso olhar parte de onde os nossos pés pisam. É a partir deste olhar que vamos construindo a nossa forma de perceber, conceber e entender o mundo, para nele viver, ou melhor, existir como nos aponta Paulo Freire (1980).

Construímos o nosso olhar de acordo com a cotidianidade em que estamos imersos e tudo aquilo que ouvíamos, mas não víamos sobre os nossos diversos brasis, nos parecia muito distante, distante da nossa realidade vivida.

Ingressamos no Programa de Alfabetização Solidária – organização não governamental - que tem como objetivo contribuir na erradicação do analfabetismo no país - lugar este em que nos foi dada a oportunidade de desvelar outras realidades tão diferentes da nossa, realidades que têm nos feito aprender, crescer, emocionar, chorar, sorrir e acreditar que é possível transformar e ser transformado dialeticamente, num movimento de infinita aprendizagem.

Assumimos, como um presente, o cargo de coordenadora geral de nossa IES e partimos para conhecer, em viagem precursora, os municípios adotados; a cada município visitado uma surpresa, uma nova realidade. Pessoas simples, sempre muito humildes, sonhando em aprender a ler e escrever para poder assinar o próprio nome, tudo tão diferente de tudo aquilo que tínhamos vivido até ali. Pessoas acreditando que nós, como fadas madrinhas, levávamos a esperança e a certeza de dias melhores.

Começaram as visitas mensais aos municípios que inicialmente seriam seis, dois na Paraíba e quatro em Goiás, ficaram os quatro de Goiás e os da Paraíba em compasso de espera. Aragoiânia, Santa Bárbara de Goiás, Guaraita e Varjão começaram rotineiramente a fazer parte da nossa vida, levando-nos a um processo de construção de novos conhecimentos que jamais pensamos fosse tão importante de serem aprendidos.

Em Varjão aprendemos que o nome escrito em uma folha de papel vale muito, principalmente quando esta folha pertence a um talão de cheques; tivemos as nossas mãos beijadas por um rapaz de mais ou menos 24 anos que ansiava poder assinar os próprios cheques e quando isto se fez possível, ele dizia que o sonho havia se tornado realidade.

Em Aragoiânia descobrimos que ler as placas na capital do estado é de suma importância, mais do que qualquer outra coisa, pois ao não se perder mais na cidade grande, há o encontro consigo mesmo, garantindo dignidade.

Guaraita tem nos mostrado que ser poeta é possível mesmo que sem dominar as letras como o desejado, porém munido de lápis e papel tudo fica muito mais fácil.

Santa Bárbara de Goiás nos anunciou que para ser cidadão a escola se faz necessária e a sua presença pelas mãos do Programa propiciava, a todos que jamais haviam ingressado na escola, o estudo tão almejado.

A cada visita uma novidade, um sonho partilhado, desejos de menina e menino, em velhas senhoras e velhos senhores, que nunca haviam sido realizados.

Aprender a ler e escrever é algo para toda essa gente como uma benção divina, como luz que vem para iluminar, é possibilidade de resgatar a infância perdida quando era impossível estudar. Segundo a maioria dos alunos/as, o estudo não era considerado pelos pais, pois os homens tinham que trabalhar, e estudar não era coisa para mulher. Ouvimos de uma velha senhora que ela não foi para escola, porque seu pai tinha medo dela aprender as letras e a começar a escrever cartas para o namorado, ela acabou não estudando quando menina, mas aos treze anos casou, hoje, viúva, aos sessenta e oito anos, aprende a ler e a escrever para escrever cartas para aquele que agora é seu novo namorado.

Trabalhar em municípios tão diferentes e tão distantes não é fácil, existem questões políticas, vaidade de alfabetizadores, às vezes o desinteresse destes, enfim uma série de problemas, contudo ao ingressarmos numa sala de aula noturna, depois de um dia de trabalho intenso, vemos homens e mulheres de todas as idades, lutando para integrarem-se no mundo do letramento, buscando a cidadania, pois que para eles é prioridade não ter mais que carimbar o dedo, dentre outras coisas; assim percebemos que os nossos problemas são todos possíveis de serem superados, pois os alfabetizando mesmo sem óculos, com dificuldades de enxergar, numa ginástica intensa – senta, levanta para ler o que está escrito no quadro – continuam e continuam sem medo de errar, acreditando que é desta forma que eles superarão a marginalização que a eles foi delegada.

A percepção desta marginalização é paupável, todos colocam que por não saberem ler e escrever o próprio nome é motivo para não serem percebidos e nem ouvidos, isso nos faz lembrar Berticelli que diz que

“no discurso se constituem lugares, portanto vozes. Vozes falantes que falam bem alto, vozes que falam mais baixo, vozes que mal sussurram e vozes... mudas. Tudo depende do lugar que cada qual ocupa, por força da interpelação, com graus maiores ou menores de assujeitamento.” (1994, p.62)

Não há dúvida que o lugar ocupado pelos nossos alfabetizando é um lugar menos privilegiado numa sociedade *a priori* excludente como a nossa, porém mesmo diante de tanta desigualdade e exclusão, todos os sujeitos que estão em processo de alfabetização, legitimamente entendem que mais que aprender a ler e a escrever, eles estão na busca da cidadania que os fará,

quem sabe, se fizerem ouvir, pois que suas vozes deixarão de ser meros sussurros ou totalmente silenciadas.

Achamos que isso é possível, a filosofia do Programa nos permite acreditar que independentemente de aprenderem ou não a norma culta da nossa língua, todos que conosco participam passam a vislumbrar novos horizontes, os sonhos se tornam mais concretos, a vida parece ficar mais fácil, a esperança se faz infinita.

Por conta de tudo o que relatamos até aqui, começamos, a partir do trabalho desenvolvido em parceria com o Programa, a investigar a realidade de 2 dos municípios em que atuamos, Aragoiânia e Guaraita, onde o número de idosos analfabetos é bastante grande e a materialização da exclusão também. Muitos são os idosos, nestas duas cidades, que vivem sozinhos, longe dos familiares mesmo que esses sejam vizinhos; muitos, também, se entregam a bebida; muitos se escondem com vergonha por não saberem ler e escrever, portanto, isolados, por opção, acabaram procurando a sala de aula como forma de solucionarem seus problemas.

Esta pesquisa vem se realizando dentro do campo da pesquisa participante, entendendo-a como *“alternativa epistemológica na qual pesquisadores e pesquisados seriam sujeitos ativos da produção do conhecimento”* (Veiga, 1985, p.188). Neste sentido, temos procurado resgatar o caráter relacional do processo de construção do conhecimento, através da relação dialética entre os pesquisadores e aqueles que se tornaram o objeto deste estudo. Segundo Noronha, *“isto significa considerar que há um sujeito informado historicamente que se relaciona com o objeto construindo-o e sendo ao mesmo tempo construído nesse processo.”* (1991, p.141)

Dentro desta perspectiva estamos trabalhando com a cotidianidade intrínseca aos sujeitos pesquisados, tendo como base teórica Foucault, Bourdieu, Heller e Le Goff, buscando entender como a discriminação ocorre, demandando não só a exclusão, como também a auto-exclusão e de que forma a conquista da leitura e da escrita pode contribuir para a inserção destes idosos dentro de suas comunidades, fazendo com que estes venham a ter o seu valor percebido e celebrado no contexto social em que estão imersos, pois como nos aponta Le Goff *“a Idade Média venerava seus velhos, sobretudo porque via neles homens-memória, prestigiosos e úteis.”* (1990, p.449)

O que ocorre, agora, em pleno século XXI, que faz com que aqueles que deveriam ser vistos como homens-memória sejam reduzidos a meros sujeitos sem o menor valor sócio, político, cultural, logo, inúteis?

Serão as representações sociais que subsidiam o capitalismo que levaram os idosos para o lugar dos sujeitos a serem descartados, pois que não são mais vistos como capital humano na engrenagem do capital? Ou ainda, a cultura do velho é menor? Santomé afirma que

“as culturas ou vozes dos grupos sociais minoritários e/ou marginalizados que não dispõem de estruturas importantes de poder costumam ser silenciadas, quando

“não esteriotipadas e deformadas, para anular suas possibilidades de reação.”
(1995, p.161)

Entre essas culturas ausentes, podemos destacar, ainda, segundo Santomé, a cultura da terceira idade, esta vem sendo diluída por intermédio do silenciamento a que são submetidos os idosos. Sabemos que já existem movimentos sociais de inserção da terceira idade nos mais variados contextos, isto é fácil de identificar nas grandes cidades, mas como fica a situação daqueles que moram em cidades bem pequenas, onde as dificuldades são muitas e as necessidades inúmeras?

Mensalmente estamos nas cidades, investigando e participando da cotidianidade da comunidade e mais especificamente com os idosos que fazem parte de todo o processo investigativo. Até porque,

“A vida cotidiana constitui uma das principais formas de manifestação da história e da possibilidade de transformação da realidade, por outro, é difícil ao pesquisador, quando trabalha com sujeitos particulares, evitar o risco de perder-se no cotidiano. No entanto, esse esforço de investigação é necessário para fazer emergir aspectos reveladores da exploração e da aprendizagem da experiência de classe.” (Noronha, 1989, p.142)

Mesmo que prematuramente, já podemos afirmar que vem acontecendo, por parte daqueles que integram o Programa, um movimento de valorização da vida, de si próprio, a cada palavra aprendida, a cada frase lida, a cada opinião formulada e ouvida. As aulas são motivo suficiente de mobilização para organização de eventos, como também para os encontros onde as reminiscências tomam forma e corpo, possibilitando a integração com os jovens que também estão na sala de aula. Por intermédio do recordar, velhos e jovens vão juntos resgatando a história e a tradição inerentes a cultura na qual estão imersos.

Baseando-nos em Foucault (1998), afirmamos que não só os velhos, como também muitos dos jovens analfabetos têm seus corpos e mentes docilizados, submetidos que foram e são ao adestramento, ou ainda, lembrando Bourdieu(1998), vemos práticas discursivas e sociais sendo eternizadas por intermédio do processo de inculcação a que foram e são submetidos. Contudo, já é possível vislumbrar movimentos de resistência nestes que começam a entender dos seus direitos na sociedade, bem como o significado da cidadania a que têm direito de exercer. A cada visita é possível perceber que, mobilizados que estão no processo ensino-aprendizagem, algumas conquistas já foram obtidas como eles mesmos anunciam:

- *“ não precisamos mais que vão com nós no médico, já lemo a receita do doutô.”*
- *“ já sabemo anda no ônibus, sem se perde, sabemo lê.”*
- *“jà sei lê a Bíblia e não preciso chama ninguém pra lê ela pra mim.”*
- *“ já respondo as carta da minha filha, quando ela me escreve”*

Enfim, essas são algumas das muitas falas que se fazem, hoje, presentes nos diversos discursos proferidos pelos alunos da terceira idade que se encontram nas salas de aula, montadas pelo Programa em parceria com as prefeituras, mostrando que é possível reverter a situação em que se encontram muitos dos idosos desse país.

Se faz claro que este é apenas o começo de um processo que demanda novas parcerias e o apoio irrestrito por parte dos municípios em questão; a pesquisa está em sua fase inicial, estas são as primeiras impressões de um contexto extremamente rico que requer mais tempo de investigação e análise. Em princípio, afirmamos que na medida em que vão se apropriando da linguagem escrita, os meninos e as meninas da terceira idade mostram-se mais fortes e seguros no embate da vida cotidiana, certos de uma liberdade até então nunca, aparentemente, vivida. Até porque, como afirma Heller

“A liberdade é sempre liberdade para algo e não apenas liberdade de algo. Se interpretamos a liberdade apenas como o fato de sermos livres de alguma coisa, encontramos-nos no estado de arbítrio, definimo-nos de modo negativo. A liberdade é uma relação e, como tal, deve ser continuamente ampliada.” (1982, p155)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERTICELLI, Ireno Antônio. *Ideologia e Discurso*. Publicado em Revista Semestral de Sociologia. Sociedade e Estado v. IX. Sociologia da Cultura. nº 1 e 2. Jan./Dez. 1994. Rio de Janeiro: Relume-Dumará.

BOFF, Leonardo. *A águia e a galinha: uma metáfora da condição humana*

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir*. Petrópolis: Vozes, 1998.

FREIRE, Paulo. *Educação como Prática da Liberdade*. 10 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980. Petrópolis: Vozes, 1999.

HELLER, Agnes. *O cotidiano e a história*. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

_____. *Para mudar a vida*. São Paulo: Brasiliense, 1982

LE GOFF, Jacques. *Memória e História*. Campinas: Unicamp, 1990.

NORONHA, Olinda Maria. *Pesquisa participante: repondo questões teórico-metodológicas*. In: FAZENDA, Ivani.(org.) Metodologia da Pesquisa Educacional. São Paulo: Cortez, 1991

SANTOMÉ, Jurjo Torres. *As culturas negadas e silenciadas no currículo*. In: SILVA, Tomás Tadeu da. Alienígenas na sala de aula.(org.) Petrópolis: Vozes, 1995.

VEIGA, Laura da. *Educação, Movimentos Populares e Pesquisa Participante*. In: MADEIRA, Felícia. e MELLO, Guiomar N. de. (orgs.). Educação na América Latina. São Paulo: Cortez/autores Associados, 1985